



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E**  
**COMUNICAÇÃO**  
**BACHARELADO EM JORNALISMO**

MARIANA MACHADO CARVALHO

**FOTOGRAFANDO O PASSADO – EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE OBJETOS**  
**VINTAGE E RETRÔ**

GOIÂNIA  
2025

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E**  
**COMUNICAÇÃO**  
**BACHARELADO EM JORNALISMO**

**FOTOGRAFANDO O PASSADO – EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE OBJETOS**  
**VINTAGE E RETRÔ**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Professora Doutora Déborah Rodrigues Borges.

GOIÂNIA  
2025

MARIANA MACHADO CARVALHO

**FOTOGRAFANDO O PASSADO – EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE OBJETOS  
VINTAGE E RETRÔ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Déborah Rodrigues Borges.

Goiânia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de  
2025

**COMISSÃO JULGADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Déborah Rodrigues Borges

(Presidente da Banca)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

(Avaliadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

(Avaliadora)

GOIÂNIA

2025

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus por me ajudar a concluir esta etapa tão importante para mim, que é a minha especialização profissional. Uma das coisas que levo para minha vida é o versículo que está Provérbios 16:3, que diz “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.”, e desse jeito eu fiz. Depois que aprendi, ler e escrever se tornaram coisas que eu sempre gostei de fazer, e assim, disseram que eu levava jeito para ser jornalista. Aos 13 anos, meio que decidi que era isso o que eu queria fazer da vida, mas nunca tinha parado para pesquisar sobre a profissão. Foi então que quando eu estava prestes a terminar o ensino médio, duvidei sobre ser isso mesmo que eu queria, e quando eu finalmente fui pesquisar sobre, gostei do que eu soube e escolhi seguir a carreira. Desde então, Ele esteve comigo me ajudando e guiando os meus passos até aqui.

Em segundo, quero agradecer à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde eu estou me formando, por me acolher e fornecer toda a estrutura necessária para que eu me especializasse. E também agradeço aos meus professores: Antônio Carlos; Bernadete Coelho; Carolina Zafino; Gabriella Lucciani; Luiz Antônio Signates; Noêmia Félix; Rogério Borges; e Sabrina Moreira; que tanto me ensinaram com muita sabedoria, e agora estão fazendo de mim uma jornalista.

Agradeço também à minha professora e orientadora Déborah Borges, que abraçou a minha ideia e aceitou a me ajudar a produzir um trabalho incrível, relevante e que carregasse originalidade, justamente por ser algo inédito, que segundo ela nunca havia visto algo parecido. E claro, não posso deixar de agradecer às minhas professoras Carol Goos e Eliani Covem, que além de dar aulas, fizeram parte da minha banca e me trouxeram ótimas ideias para complementar o trabalho.

Em quarto, quero agradecer aos meus pais, Moizes e Rosiane, que nunca mediram esforços para fazerem as coisas por mim. Tenho a plena consciência de que infelizmente, existem muitos pais que deixam os seus filhos de lado, mas vocês, mesmo eu já sendo uma jovem adulta, nunca me desampararam. Muito pelo contrário, estão sempre a me dar amor, cuidado, proteção, apoio e todo o necessário para que eu me mantenha bem e saudável. Além disso, reconheço que é graças ao trabalho árduo e o investimento de vocês que eu pude fazer e concluir a universidade. Este trabalho é para que saibam que nada daquilo que fizeram por mim foi em vão e

também uma forma de valorizar toda a dedicação de vocês. Deus não poderia ter me dado pais melhores, e faço muito gosto em ser filha de vocês.

Em quinto, mas não menos importante, quero agradecer ao meu namorado e futuro marido, David, que chegou na minha vida quando eu já estava na metade do curso, mas que também contribuiu mais do que o necessário para a conclusão dele. Em todas as vezes que precisei, ele esteve ao meu lado me trazendo não somente amor, afago, carinho, consolo, entre muitas outras coisas, como também me ajudou muito nesse trabalho, seja no referencial teórico e na realização do produto, me dando ideias, pesquisando e até traduzindo autores estrangeiros pra mim, reformulando a minha escrita inúmeras vezes, acordando cedo em um final de semana mesmo querendo dormir mais depois de uma semana inteira de trabalho, me levando a lugares lotados, editando as fotografias e entrevistas, e se machucando cortando alguns papéis que eu só me lembrei que deveria ter pedido para cortarem no lugar especializado quando sai de lá e cheguei em casa. Resumindo, ele foi tão solícito, que posso dizer que este trabalho foi feito em dupla.

Por falar em trabalho, agradeço também as fontes que se dispuseram a serem entrevistadas e fotografadas por mim, mesmo em meio a correria, no meio do expediente e até aos finais de semana, quando poderiam muito bem estar descansando ou cuidando de suas próprias vidas. Se não fosse pelo tempo que tiraram para mim e as contribuições de vocês, essa exposição fotográfica não existiria.

E por último, quero agradecer aos meus avós maternos e paternos, principalmente o meu avô José Onofre, que durante esses quatro anos foi a minha carona para ir à universidade, ao estágio e eventos relacionados, sem receber e nem aceitar algo em troca. Ele, meu avô Moisés e minhas avós Ana Maria e Emília nunca deixaram de me incentivar e apoiar minha escolha, orando e torcendo por mim a todo momento. E agora podem ver que tudo deu certo e que suas orações foram respondidas. Vale ressaltar que eles participaram de alguns trabalhos que fiz parecidos ou com essa mesma temática, me contando suas histórias de vida e lembranças do passado.

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais Moizes e Rosiane, ao meu namorado e futuro marido David, ao meu avô materno José Onofre, e a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a minha especialização profissional.

## RESUMO

Este trabalho propõe a criação de uma exposição fotográfica intitulada Fotografando o Passado, com o objetivo de investigar e representar, por meio da fotografia, as manifestações da nostalgia e o apreço pelos estilos vintage e retrô. A pesquisa se estrutura a partir de fundamentos teóricos que abordam a fotografia como linguagem visual e instrumento de preservação da memória, associando esses conceitos à fotorreportagem e ao retrato como gêneros fotojornalísticos. A exposição é composta por imagens e entrevistas com pessoas de diferentes perfis que colecionam, vendem ou se identificam com objetos e estéticas do passado — como mobílias, discos de vinil, automóveis antigos, etc — revelando suas histórias, sentimentos e motivações. A metodologia adotada compreende a pesquisa bibliográfica, produção fotográfica com efeitos visuais que simulam a antiguidade, e coleta de depoimentos em áudio. O trabalho também explora a nostalgia como fenômeno afetivo, psicológico e cultural, considerando seus desdobramentos no consumo e na identidade contemporânea. Conclui-se que a fotografia, ao capturar traços do passado, permite não apenas registrar, mas reativar memórias e afetos, conectando o espectador a experiências singulares através da estética e do relato sensível.

**Palavras-chave:** fotografia; memória; vintage; retrô; nostalgia.

## **ABSTRACT**

This work proposes the creation of a photographic exhibition titled *Photographing the Past*, with the objective of investigating and representing, through photography, manifestations of nostalgia and the appreciation for vintage and retro styles. The research is based on theoretical foundations that address photography as a visual language and a means of preserving memory, connecting these concepts to photojournalistic genres such as photo reportage and portraiture. The exhibition features images and interviews with individuals of different profiles who collect, sell, or identify with objects and aesthetics from the past — such as clothing, furniture, vinyl records, and classic cars — revealing their stories, emotions, and motivations. The methodology involves bibliographic research, photographic production using effects that simulate an aged appearance, and audio-recorded interviews. The project also explores nostalgia as an affective, psychological, and cultural phenomenon, considering its role in contemporary identity and consumption. It concludes that photography, by capturing traces of the past, not only documents but also reactivates memories and emotions, connecting viewers to personal experiences through aesthetic and sensitive narratives.

**Keywords:** photography; memory; vintage; retro; nostalgia.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 CONTEXTO FOTOGRÁFICO .....	13
1.1. O que é fotografia e sua origem.....	13
1.2. O que é fotojornalismo e sua origem .....	15
1.3. Gêneros fotojornalísticos .....	16
2. A NOSTALGIA COMO SENTIMENTO, TENDÊNCIA E COMERCIALIZAÇÃO .....	19
3. MEMORIAL .....	23
3.1. Fundamentação temática.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
3.2. Fontes, entrevistas e produção fotográfica .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
3.3. Edição .....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	33

## INTRODUÇÃO

A fotografia, definida pelo dicionário Oxford Languages como a “arte ou processo de reproduzir imagens sobre uma superfície fotossensível pela ação da luz”, surgiu no século XIX. Contrariando a crença de que teria origem em artistas tradicionais, Barthes (1984) argumenta que seu surgimento foi possível através de experimentos com compostos químicos. Diversas contribuições e invenções permitiram que a fotografia se aprimorasse e atendesse às necessidades da sociedade.

Nesse contexto, a fotografia desempenha diversas funções, sendo um potente meio de comunicação. Kossoy (2002) a considera uma linguagem visual eficaz para contar a história de uma sociedade e comunicar significados únicos, influenciados pelo contexto cultural e histórico. Para Kossoy (2002), o “testemunho fotográfico” é sempre uma elaboração do fotógrafo, refletindo sua visão particular do mundo.

Além de comunicar, a fotografia tem o poder de evocar memórias e reviver momentos. Barthes (1984) afirma que a fotografia reproduz mecanicamente algo que ocorreu uma única vez e nunca mais se repetirá existencialmente. Kossoy (2002) descreve a fotografia como um objeto sensível que preserva o passado, congelando momentos contra a marcha do tempo e nos confrontando com a passagem do tempo ao observarmos retratos antigos.

Para compreender a nossa relação com a fotografia, Barthes (1984) introduz os conceitos de *studium*, o interesse cultural ou intelectual que temos por uma fotografia, e *punctum*, o detalhe inesperado que nos toca profundamente. Kossoy (2002), por sua vez, estabelece a distinção entre a primeira realidade fotográfica, a história oculta e complexa do que é fotografado, e a segunda realidade, a representação contida na imagem com novos contextos e significados.

O trabalho também aborda o fotojornalismo, um gênero fotográfico com a pretensão de documentar e informar, que surgiu no século XX. A evolução do fotojornalismo passou por três revoluções. A terceira revolução, que se iniciou nos anos 90, marcou a transição da fotografia analógica para a fotografia digital. Com o surgimento de novas tecnologias como o celular e a internet, tornou-se possível fotografar, modificar a imagem obtida, salvá-la permanentemente e compartilhá-la instantaneamente. Essa inovação da fotografia digital, onde sensores eletrônicos

capturam a luz e convertem-na em dados digitais, eliminou a necessidade de filmes e processos químicos, revolucionando a forma como as imagens são criadas, armazenadas e distribuídas. Essa transição gerou preocupações para os fotojornalistas em relação à verificação da autenticidade das imagens e ao seu rápido espalhamento. Essa situação permanece até os dias atuais e é uma característica marcante da era presente do fotojornalismo. Segundo Sousa (2004), essa terceira revolução também envolveu mudanças gráficas nos jornais, a reconstrução de acontecimentos remetendo a reality shows, e a valorização do gênero fotojornalístico retrato.

No presente trabalho, que também é uma exposição fotográfica intitulada “Fotografando o Passado”, busca-se explorar as motivações por trás do apreço pelos estilos vintage e retrô. A investigação se estende aos sentimentos e lembranças associados à coleção e à decoração com referências ao passado, bem como às razões que levam pessoas a comercializar antiguidades. Acredita-se que sentimentos como a nostalgia desempenham um papel crucial nessas escolhas.

A nostalgia, originalmente conceituada por Davis (1979) como a angústia do retorno ao lar, passou a ser um fenômeno psicológico complexo ligado à memória e à identidade. Campbell (2023) a descreve como um saudosismo que pode trazer sentimentos tanto felizes quanto tristes. Enquanto Hyussen (2004) a identifica como uma tendência cultural de supervalorização da memória, autores como Brown (2001) apontam para a busca por originalidade como um dos motivadores do interesse de jovens por objetos vintage e retrô. Ferraz (2011) destaca a necessidade de trocar experiências e compartilhar lembranças, e Dugnani (2021) relaciona a nostalgia com a desilusão contemporânea e a busca por prazer. Morais (2015) elucida o apego emocional a objetos como suportes de memória e o apelo "místico" dos produtos retrô em remeter a um passado idealizado. Apesar dos riscos de uma visão excessivamente idealizada do passado, Yang (2022) sugere que pistas nostálgicas podem evocar um estado psicológico positivo.

Dessa forma, como mencionado, este trabalho discorre sobre a fotorreportagem e o retrato, gêneros do fotojornalismo que permitem documentar e informar sobre o fenômeno da nostalgia e sua manifestação nos estilos vintage e retrô. Através das lentes da fotografia, busca-se compreender as histórias, os sentimentos

e as motivações que conectam o presente com o passado, explorando a linha tênue entre o genuinamente antigo (vintage) e a recriação do passado (retrô).

## 1 CONTEXTO FOTOGRÁFICO

### 1.1. O que é fotografia e sua origem

Segundo o dicionário Oxford Languages, fotografia é “arte ou processo de reproduzir imagens sobre uma superfície fotossensível (como um filme), pela ação de energia radiante, especificamente a luz.” A palavra tem origem no termo grego *photographé*, em que *photo* é a tradução de luz e *graphé* é a tradução de desenhar, gravar ou registrar. Surgiu no século XIX e apesar de ser considerada uma linguagem artística, a fotografia não surgiu através de artistas que produziam pinturas ou esculturas, como muitos acreditavam na época.

Tal teoria é reforçada por Barthes (1984) quando disse que o surgimento da fotografia só foi possível por meio de experimentos em que se usavam compostos químicos como sais de prata ou hipossulfito de sódio, por exemplo. De fato, Barthes (1984) estava certo, pois diversas pessoas (não somente pintores e escultores) contribuíram, através de estudos e invenções, para que a fotografia fosse aprimorada e adaptada para melhor atender às demandas e necessidades de seus consumidores.

Dessa forma, a fotografia pôde continuar desempenhando as várias funções e usos que têm para a sociedade, como por exemplo ser um potente meio de comunicação. Kossoy (2002) considera a fotografia como uma linguagem visual capaz de ser mais eficaz do que palavras ao contar a história de uma sociedade.

Mais do que isso, para Kossoy (2002), a fotografia comunica significados de maneira única. Ele argumenta que cada imagem fotográfica é dotada de um contexto cultural e histórico, o que influencia sua interpretação, seja por parte do fotógrafo ou do espectador. De acordo com ele:

O chamado testemunho fotográfico, embora registre em seu conteúdo uma dada situação do real – o referente – sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo, de um modo de ver e compreender especial, de uma visão de mundo particular do fotógrafo (KOSSOY, 2002, p. 59)

Uma outra função ou uso que a fotografia desempenha é fazer com que ao olharmos uma imagem, seja fisicamente ou digitalmente, a gente relembre e reviva momentos, pessoas e lugares, mesmo que estes já não existam mais. Barthes (1984) discute isso, dizendo que: “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez:

ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p.13).

Já Kossoy (2002) trata a fotografia como um objeto sensível, pois o ato de olhar para a foto faz com que expressemos diferentes emoções. Em outras palavras:

A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo. (...) Quando nos vemos nos velhos retratos de álbuns temos a constatação concreta de que o tempo passou; a fotografia é este espelho diabólico que nos acena do passado. (KOSSOY, 2002, p. 137)

Essas emoções são nomeadas e descritas de várias formas. Barthes (1984), por exemplo, criou o que ele chamou de *studium*. O *studium* pode ser definido como o interesse, seja cultural, intelectual, etc, que temos por uma fotografia. O *studium* é o que nos leva a apreciar uma imagem por suas qualidades técnicas, estéticas ou temáticas, permitindo identificar o que está sendo representado, o contexto histórico, social ou cultural da imagem baseando-se em conhecimentos e códigos culturais. Em outras palavras:

Eu não via, em francês, palavra que exprimisse simplesmente essa espécie de interesse humano; mas em latim acho que essa palavra existe: é o *studium*, que não quer dizer, pelo menos de imediato, “estudo”, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular. (BARTHES, 1984, p. 45)

E ao ver fotos de familiares, Barthes (1984) sentiu algo que ele próprio chamou de *punctum*. O *punctum* é aquele detalhe na fotografia que nos toca de forma inesperada e profunda, como um “furo”, provocando muitas reações intensas. Esse detalhe pode ser um olhar, uma expressão, uma mancha de luz ou qualquer outro elemento que, por alguma razão, nos convida a uma reflexão mais íntima. Em outras palavras:

A esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso, que nela, me punge (mas também me mortifica, me fere). (BARTHES, 1984, p. 46)

Um outro exemplo de nomeação e descrição é a primeira e a segunda realidade fotográfica, estabelecida por Kossoy (2002). A primeira realidade é a história, o passado daquilo que a fotografia está capturando, mesmo que a interpretação do fotógrafo ou espectador sobre ele seja outra. Para Kossoy (2002):

Toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua *realidade interior*, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente e que se confunde com a *primeira realidade* em que se originou. (KOSSOY, 2002, p. 36)

Já a segunda realidade é o que aquilo que está sendo capturado pela fotografia representa e sua própria interpretação. Ela se constrói a partir das percepções do fotógrafo e do espectador, deixando o passado daquela pessoa, objeto ou qualquer outra coisa para trás, para assim se tornar um “novo” real com novos contextos e significados. Para Kossoy (2002):

A segunda realidade é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o suporte no qual esta imagem se encontre gravada. O assunto representado é, pois, este fato definitivo que ocorre na dimensão da imagem fotográfica, imutável documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo (durante sua primeira realidade). (KOSSOY, 2002, p. 37)

Esse assunto representado caracteriza o conteúdo explícito da imagem fotográfica, a face visível e externa de uma alguma história do passado que não evolui e nem se altera, resultando em um registro comum a todas as imagens fotográficas. Dessa forma, o assunto representado torna-se a segunda realidade.

## **1.2. O que é fotojornalismo e sua origem**

O fotojornalismo é um gênero da fotografia cuja a pretensão é documentar e informar. Surgiu no século XX, na Alemanha, com o aparecimento e popularização das revistas ilustradas. O fenômeno foi tão extraordinário, que esse conjunto encadernado contendo vários temas como política, saúde e/ou esportes, acompanhados de imagens, charges, entre outras ilustrações, começaram a ser produzidos em grande escala e expandidos para outros países como França, Estados Unidos e Portugal, por exemplo.

Mas, com a chegada de Adolf Hitler à liderança na Alemanha, ainda no século XX e especificamente nos anos 50, os fotojornalistas contrários a ele tiveram que fugir. Anos mais tarde, começava-se a Segunda Guerra Mundial, que fez com que os fotojornalistas que ainda restaram parassem de produzir as revistas e atuassem na cobertura fotojornalística da guerra. Após a guerra, os fotojornalistas migraram para a televisão, resultando em uma crise nas revistas ilustradas, que marcou a primeira

revolução do fotojornalismo. Sousa (2004) pontua outros aspectos da primeira revolução no fotojornalismo:

Há outros pontos interessantes no que respeita aos cenários de desenvolvimento do fotojornalismo no pós-guerra e anos posteriores. Trata-se da expansão (a) da imprensa cor-de-rosa [paparazzi], (b) das revistas eróticas “de qualidade”, como a Playboy (1953), (c) da imprensa de escândalos e (d) das revistas ilustradas especializadas em moda, decoração, electrónica e fotografia, entre outros temas (que, em muitos casos, sobreviverão à concorrência com a televisão). (SOUSA, 2004, p. 23)

Uma década depois, já nos anos 60, as revistas ilustradas caem em desuso, devido à falta de interesse da sociedade e os vários outros problemas que se passaram na época, como conflitos armados, especificamente a Guerra do Vietnã. Foi preciso que os fotojornalistas largassem as revistas para cobrirem os confrontos, cuja as fotos carregavam um teor dramático e emotivo, além de as situações serem capturadas com menos censura. Tal transição foi chamada de a segunda revolução do fotojornalismo, das quais alguns dos aspectos também são, de acordo com Sousa (2004), a segmentação de mercados e design gráfico, valorização das fotografias amadoras, a industrialização e rotinização na produção de imagens, e o controle sobre fotojornalistas.

E assim permaneceu até os anos 90, quando começaram a surgir as novas tecnologias. Com o celular e a internet, tornou-se possível fotografar, modificar a imagem obtida, salvá-la permanentemente e compartilhá-la instantaneamente. Essas inovações foram motivos de preocupação para os fotojornalistas, pois era complicado saber se uma imagem é real ou não, e lidar com o espalhamento tornava essa tarefa ainda mais difícil. Isso permanece até os dias atuais e é chamado de a terceira revolução do fotojornalismo, que segundo Sousa (2004), também foi marcada pelas mudanças gráficas nos jornais ao colocar fotos entre textos e apelar para a leitura, reconstrução dos acontecimentos remetendo aos reality shows, e a valorização o gênero fotojornalístico retrato.

### **1.3. Gêneros fotojornalísticos**

De acordo com Sousa (2004), são considerados gêneros fotojornalísticos as fotografias de notícias, como as spot news (que são notícias de última hora que causam algum tipo de impacto) e as general news (notícias sobre diversos temas, que

podem ser produzidas demandando o tempo que o fotojornalista precisar). Consideram-se também a fotorreportagem e os fotos-ensaios, como os features (imagens que carregam significado, sem precisarem ser complementadas), fotografias desportivas (que capturam jogos e campeonatos, e as expressões de quem está assistindo), retrato (a pessoa a quem o texto jornalístico se refere), ilustrações fotográficas (várias imagens combinadas entre si) e picture stories (imagens que constroem uma narrativa).

Entre os gêneros e subgêneros citados, ao presente trabalho compete a fotorreportagem, juntamente com o retrato. Pois trata-se de uma exposição fotográfica, intitulada como “Fotografando o Passado”, em que o objetivo, além de somente fotografar, é procurar saber o que está por trás de gostar de colecionar, de decorar o ambiente, entre outros, nos estilos vintage e retrô, bem como saber o porquê as pessoas escolhem vender, seja tendo uma loja própria ou montando uma feira de antiguidades, por exemplo, quando poderiam ter outros trabalhos. Acredita-se que, se escolhem, é porque gostam, se sentem nostálgicas, entre tantos outros motivos, dos quais também serão abordados no produto.

A fotorreportagem é um gênero que tem como objetivo registrar os desdobramentos de um acontecimento baseado em fatos reais e das pessoas envolvidas nele. De acordo com Sousa (2004), a fotorreportagem situa, documenta, mostra a evolução e caracteriza esses fatos. Geralmente, as fotografias que registram esses fatos vêm acompanhadas de um curto texto introdutório ou apenas legendas.

Avancini (2017) define a fotorreportagem como todos os aspectos que compõem a personalidade de uma pessoa, embora ela nem sempre seja somente pessoal. Avancini (2017) ainda acrescenta que: “A fotorreportagem não se explica apenas pelo aspecto da imagem documental que se constitui em arte, mas pela ética de transcrever o mundo com autenticidade e independência” (AVANCINI, 2017, p. 245).

O retrato é um subgênero que consiste em fotografar uma ou mais pessoas. Como o objetivo é capturar a personalidade, as emoções e características físicas dessa(s) pessoa(s), o retrato é considerado uma representação visual que geralmente é focada no rosto. Por tratar-se de uma representação, o fotojornalista acrescenta

temas que constataam a escolha das pessoas e dos cenários. Além disso, SOUSA (2004) diz que:

A difícil tarefa do fotojornalista ao retratar alguém consiste em procurar não apenas mostrar a faceta física exterior da pessoa ou do grupo em causa mas também em evidenciar um traço da sua personalidade (individual ou colectiva, respectivamente). (SOUSA, 2004, p. 121)

No mesmo artigo, Avancini (2017) menciona Gisele Freund, fotógrafa alemã que ao fugir do nazismo e ir morar na França, passou a tirar fotos para sobreviver, dentre elas, retratos. Ele cita a democratização do retrato, tese defendida por Freund, que essa democratização veio do surgimento da fotografia e dos custos reduzidos.

Como fotógrafa que produzia retratos, Freund dizia que o rosto é uma máscara que esconde emoções e sentimentos, e que ela procurava capturar o que estava por trás dessa máscara. Também afirmava não se interessar por fotos tiradas com iluminação, cenários, poses e outros componentes, e sim fotos tiradas sem que a pessoa percebesse que está sendo fotografada. Vale ressaltar que devido a verificação e variação dos componentes citados, fazer um retrato exige bastante tempo do fotógrafo.

## 2. A NOSTALGIA COMO SENTIMENTO, TENDÊNCIA E COMERCIALIZAÇÃO

A palavra nostalgia, de acordo com Davis (1979), tem origem no termo grego nostos, que se refere ao retorno ao lar, e algia, que se refere a uma condição dolorosa. Assim, trata-se da angústia que uma pessoa doente experimenta ao se afastar de sua terra natal. Este conceito foi criado pelo médico Johannes Hofer no final do século XVII, para descrever a profunda melancolia que afetava os soldados mercenários quando se encontravam longe de casa. Os sintomas mais comuns dessa condição incluíam instabilidades emocionais, que se manifestavam em crises de choro, anorexia e até tendências suicidas. No entanto, com as análises de psicólogos e psiquiatras, e os avanços na área, a nostalgia passou a ser vista como um fenômeno psicológico complexo, ligado à memória, à identidade e ao tempo.

A nostalgia também é um sentimento. De acordo com Campbell (2023), é um saudosismo formado a partir de lembranças passadas, que podem trazer sentimentos felizes ou tristes. Também é uma tendência, como pontua Hyussen (2004), ao dizer que existe uma supervalorização da cultura da memória. Ele a descreve como um fenômeno cultural onde há uma crescente obsessão pelo passado, impulsionada pela mídia e instituições culturais, para criar um senso de identidade e estabilidade em um mundo de incertezas. E ainda alerta para os riscos dessa supervalorização, como a criação de narrativas simplistas e a exclusão de memórias dissonantes, destacando a importância de reconhecer os perigos da instrumentalização da memória.

A nostalgia, é ainda, uma estratégia de marketing. Têm sido cada vez mais comum ver marcas de eletrônicos, alimentos, vestuário, entre outros segmentos, fabricarem e comercializarem produtos retrô. Na fotografia, por exemplo, é possível alterar as cores para que a foto fique com um aspecto antigo dentro das configurações da própria câmera do celular. Na música, cantores e bandas não só lançam seus álbuns em versões digitais para serem ouvidos em streamings como Spotify, Deezer e Amazon Music, como também em versões de CDs, discos de vinil e fitas cassete.

Até mesmo a indústria audiovisual também fez uso dessa estratégia, refilmando produções já lançadas. A Rede Globo, por exemplo, produziu e exibiu o remake da novela Pantanal, produzida originalmente em 1990 e relançada em 2022. O mesmo foi feito com a novela Vale Tudo, produzida originalmente em 1988 e que foi relançada em março desse ano.

Esses e outros exemplos têm atraído bastante os jovens, principalmente os da Geração Z (nascidos entre 1997 e 2010) que ainda puderam conhecer os objetos vintage graças aos seus pais, que provavelmente pertencem a Geração X (nascidos entre 1965 e 1980) e também aos seus avós, que pertencem a Geração Baby Boomers (nascidos entre 1946 e 1964). Essa última, realmente estiveram presentes na época em que esses objetos surgiram e ainda puderam passar pela experiência em tê-los.

Por outro lado, de acordo com Brown (2001), o gosto dos jovens por objetos vintage e retrô não se idealiza apenas por referências de pais e avós e das histórias e experiências que foram contadas, mas também pela procura por originalidade, fugindo dos padrões impostos pelas indústrias. Dessa forma, esses objetos acabam se tornando uma extensão de sua personalidade.

No âmbito do vintage e retrô, essa personalidade se manifesta não somente por meio de CDs, discos e fitas, mas também por meio do vestuário, da decoração, de automóveis, etc. Um exemplo disso é a influenciadora Isabelle Abreu, que com 27 anos, possui roupas, sapatos e acessórios comprados em brechós e que compõem a moda vintage. Além disso, sua casa é decorada com as mesmas referências.

Uma outra explicação para esse interesse, segundo Ferraz (2011), “é a necessidade que as pessoas encontram de trocar experiências e ideias, e de compartilhar lembranças.” (FERRAZ, 2011, p. 2)

Há ainda quem relacione esse saudosismo por parte dos jovens com desilusões, insatisfações e prazeres, conforme aponta Dugnani (2021):

“Essa saudade do passado, daquilo que sequer viveu, essa nostalgia, também tem se intensificado pela sensação de desilusão contemporânea, desilusão reforçada pela insatisfação dos desejos e prazeres, pois identifica-se no sujeito pós-moderno, uma tendência hedonista que pode ser observada nas reflexões de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, nos livros *Estetização do Mundo* (2015), *Cultura-mundo* (2011) e *Felicidade Paradoxal* (2007). Com essa tendência hedonista, ou seja, a busca do prazer ininterrupto do sujeito da Pós-modernidade, o leva a essa saudade do passado, e a se expressar por uma estética intertextual, onde o Retrô, o Vintage se tornam aspectos positivos da moda, e são representados de maneira mais constante, através da citação, da paródia, ou seja, através da intertextualidade.” (DUGNANI, 2021, p. 261 e 262)

Dessa forma, a nostalgia faz com eles se lembrem dos bons momentos que já tiveram em suas vidas, conforme aponta Morais (2015):

“Muitas vezes o apego emocional por um objeto surge quando ele se torna suporte de memória, ou seja, remete a algum momento marcante, ou até mesmo a uma época que não tenha sido vivida, mas que pareça ter sido mais simples e tranquila que os tempos corridos e cheios de estresse da sociedade atual. Essa nostalgia é reconfortante, faz com que esqueça o desagradável e lembre somente o agradável, é uma espécie de romantização do passado.” (MORAIS, 2015, p. 223)

Outros, já relacionam o saudosismo com misticismo, poder, viagem no tempo, entre outros, como elucida Morais (2015):

A principal explicação da força e atração pelos produtos retrô está ligada ao apelo místico de levar os consumidores ao passado e contar parte dessa história, levando-os a um período no qual tudo parecia mais simples, menos complicado, mais confortável e autêntico” (MORAIS, 2015, p. 221)

Um outro fator que contribui para que a nostalgia seja uma tendência, é a integração econômica, social e cultural entre os países, além do avanço tecnológico com lançamento de smartphones, tablets, computador e etc. E claro, com o advento da internet, como resume Morais (2015):

“E se hoje a nostalgia é uma tendência em destaque, até mesmo para aqueles que não vivenciaram um determinado período da história, tal fato só é possível em consequência da globalização, do desenvolvimento das telecomunicações e do advento da internet, que possibilitam acesso a uma quantidade infindável de informações.” (MORAIS, 2015, p. 221)

Como foi mencionado, sentir-se nostálgico pode ser arriscado. Não somente pela construção de narrativas que apenas contam o lado bom da história ou por acontecimentos inventados que substituam os acontecimentos originais, conforme aponta Hyussen (2004); como também por trazer sentimento de tristeza. Campbell (2023) diz que:

“Em geral, a nostalgia é considerada uma experiência emocional contraditória. Mesmo com lembranças felizes, a nostalgia pode ser tanto doce quanto azeda. Ao mesmo tempo em que você sente conforto e calor em relação à lembrança em si, também pode sentir tristeza porque essa experiência se foi.” (CAMPBELL, 2023)

No entanto, a nostalgia não deixa de ser um sentimento saudável e até vital para nós, seres humanos. Pois nos ajuda a reencontrar o nosso eu, fazendo com que lembremos quem sempre fomos destinados a ser. Além disso, sentir-se nostálgico pode proporcionar alívio, capaz de nos sustentar em tempos difíceis. Como disse Yang (2022): “As pistas nostálgicas tendem a provocar um estado psicológico positivo apesar da percepção de estímulos nocivos (YANG, 2022, p. 7).”

Vale ressaltar que os termos vintage e retrô até podem parecer estilos iguais por ambos pertencerem ao passado, mas seus significados são completamente

diferentes. Vintage, por exemplo, pode ser uma peça que foi produzida no passado, que ainda existe e até funciona, mesmo que tenha passado por restaurações. Já a peça retrô é um produto que foi fabricado com algum design que lembra os produtos que foram fabricados no passado.

Sendo assim, a Exposição Fotografando o Passado contará com fotos de pessoas com faixa etária de 22 a 71 anos, sendo elas o jovem David dos Santos (22) e o pai e também colecionador Odorico dos Santos (47), bem como o vendedor de fitas cassete Sebastião Rodrigues (71), o proprietário de uma loja de discos Leonardo Belem (50), o antigomobilista Aroldo Rocha (62) e a Jennifer Marques (28), que é funcionária de um antiquário. Além das fotos, disponibilizarei as entrevistas que foram feitas com cada uma dessas pessoas, que falaram sobre a vida, como começaram a gostar daquilo que é retrô ou vintage e o que levou a ter ou comercializar objetos, dentre outras manifestações da nostalgia em si mesmos.

### 3. MEMORIAL

No dia 07 de junho de 2024 me foi informado que eu precisava comunicar à professora e coordenadora do curso, Sabrina, qual orientador(a) eu escolhi para o presente trabalho. O que me assustou, pois até então, eu não tinha definido o que eu realmente queria fazer. Para mim, melhor seria se eu fizesse sobre um tema que eu gostasse, e até tinha anotado alguns, mas eu não sabia como transformar eles em um trabalho, ainda mais nesse tipo de trabalho, que é tão importante na vida acadêmica, do qual eu dependia para me formar. Para falar a verdade, o nome “trabalho de conclusão de curso” já me deixava assustada, pois para mim parecia algo que seria muito difícil de fazer, principalmente a defesa.

Uma outra dificuldade que também estava me impedindo de decidir o tema eram as fontes. Sei que é contraditório no curso que eu estou fazendo, mas eu não gosto de entrevistar pessoas. É complicado para mim achá-las pois eu não conheço muita gente, é desesperador para mim quando eu estou insistindo em alguém e essa pessoa não marca ou responde minhas perguntas no prazo que eu estipulo e tudo tende a piorar se eu tiver que falar cara a cara com essa pessoa, tudo por causa de uma timidez que eu ainda não consegui vencer totalmente. Digo totalmente pois se é algo que eu não posso fazer de outro jeito, tomo coragem para enfrentar o desafio. E com o trabalho, não foi diferente.

De início, eu havia pensado em um podcast sobre a cultura sul-coreana (que eu também gosto bastante), em que eu abordasse a culinária, música e outras coisas que envolvem a temática, me inspirando em um outro TCC que vi, mas era um perfil de Instagram. Apresentei a ideia à Sabrina, e ela me disse que ao menos algumas fontes teriam que ter. Como eu não pensei em outro produto, pedi para que ela me aconselhasse sobre como realmente deveria ser feito um TCC, e ela me passou alguns materiais para eu ler, inclusive o regulamento.

Outra coisa que eu fiz foi pesquisar ideias na internet falando tudo que eu gostava, e isso incluía fotografia e antiguidades. Me foi sugerido fazer uma exposição fotográfica relacionada a discos de vinil, e quando eu vi no regulamento que poderia ser feito, decidi que seria esse tipo de produto, mas ampliando para objetos vintage e retrô de modo geral (não só por gostar, mas também porque eu sempre via os meus colegas fazerem os mesmos produtos e temas recorrentes todo ano, e eu queria algo

diferente. E também porque é mais fácil fazer uma exposição). Como seria um trabalho com fotos de objetos, pensei que as fontes seriam descartadas. Mas a minha orientadora me aconselhou dizendo que o trabalho corria o risco de parecer mais um mostruário do que um trabalho jornalístico (isso é para que vejam que realmente não deu para fugir).

E assim nasceu a exposição fotográfica “Fotografando o Passado”, fruto do meu gosto por ouvir histórias de vida, principalmente a do passado de alguém. Isso se deu porque meus pais e avós me contavam as histórias deles e era curioso para mim e até comparar como as coisas eram tão diferentes da realidade em que vivo atualmente. Quanto ao produto, gosto de fotografia como eu disse, e esse gosto se intensificou ainda mais com as aulas que eu tive sobre imagem na faculdade, todas lecionadas pela professora Déborah. E dei esse nome pois “Fotografando” vem do verbo fotografar conjugado no presente, e “o Passado” porque eu estava tirando fotos de objetos antigos e contando as lembranças das pessoas que se relacionam com eles de alguma forma (seja possuindo, comercializando ou somente gostando).

Exposição essa que me diverti muito fazendo, mesmo tendo que entrevistar. Na verdade, essa nem foi a parte a mais complicada. Antes de começar a fazer TCC, eu já estagiava, tendo que sair às 18h e ainda ajudar nos afazeres domésticos de casa, sempre arrumando tempo para escrever nem que fosse mais de meia noite, e assim sucessivamente acordando 5:30 para ir à aula e fazer as atividades depois. Teve vezes que em meio ao cansaço, era difícil pensar e fazer sair uma letra que fosse, o que me deixava bastante mal. E aos fins de semana, eu aproveitava para fazer as fotos e as entrevistas indo até as fontes ou a feiras de antiguidades para abordar alguém, o que também era difícil, pois ninguém queria parar o que estava fazendo para conversar comigo.

Outra dificuldade foi em que eu colocaria as fotos. Eu bem que tentei emoldurá-las, mas os custos eram altíssimos em todo lugar que eu contactava e era inviável comprar pela internet 30 quadros nos tamanhos e quantidades que eu queria. No fim, tive que improvisar com papéis resistentes, e alguns foram cortados manualmente e do jeito errado, algo que foi cansosa consertar. Com a ajuda do David, montamos uma estrutura com papelão, régua, estilete e outros materiais. E como eu disse antes, ele acabou cortando o dedo no processo.

### 3.1. Descrição do produto

O produto consiste em 30 fotografias, conforme manda o regulamento de TCC da PUC Goiás. Essas fotos foram divididas em 6 ensaios fotográficos cada um com uma pessoa e os objetos com quem ela se relaciona de alguma forma. Estes ensaios estão acompanhados de trechos que mais marcaram na entrevista ou que tem a ver com o contexto em que a pessoa foi fotografada. E claro, a entrevista completa, que poderia ser acessada se a pessoa apontasse a câmera do celular para o QR Code, criando assim uma experiência imersiva, em que ela escutasse a entrevista enquanto observava as fotos.

Essas pessoas não estavam definidas desde o começo, e sim surgiram a partir de pesquisas na internet, como a Jennifer Marques e o Sebastião Rodrigues, que eu consegui quando soube que existia o Antiquário Brechó Goiano, e o Leonardo Belem, que é bem conhecido no ramo dos discos de vinil. E também de indicações, como o Aroldo Rocha. Por outro lado, tinha pessoas que eu já conhecia, como o David e o Odorico dos Santos, que são meu namorado e sogro, respectivamente.

Enquanto eu fazia o referencial teórico (que eu já tinha começado em agosto de 2024), comecei a agendar as entrevistas. A minha primeira aconteceu no dia 09 de fevereiro de 2025, com o Odorico dos Santos, de 47 anos. A sessão aconteceu em sua mercearia, onde ele guarda os objetos que coleciona, como por exemplo telefone antigo, filmadora, máquina de escrever, etc. Comecei fazendo a entrevista (início que eu adotei para todos os demais, pois assim eu conseguia saber exatamente o que fotografar), perguntando sobre as motivações de ser um colecionador, como ele adquiriu os objetos que têm e se ele já restaurou algum, qual era o que ele mais gostava, etc. Ele me respondeu quais eram os objetos favoritos e eu os movi de uma prateleira para uma mesa para fotografar. Depois, tirei fotos dele posando ao lado dessa mesma mesa. E por fim, tirei fotos dele interagindo com os objetos e em frente a mesma prateleira, onde fica toda a coleção.

Em todas as fotos, ajustei o modo PRO da câmera do meu celular (que foi usado em todas as demais sessões que fiz) de uma forma em que a foto ficasse com um tom laranja, lembrando fotos antigas. Ele também tinha uma ring light que ajustava a luz em diversos tons, o que ajudou muito na produção pois a iluminação da mercearia era quase nula; na ring light, eu coloquei luz amarela. Fotografar de modo

que a foto parecesse antiga, mas com um celular atual, não era algo estabelecido. Mas foi um estio que passei a adotar, pois vi que me ajudava muito, principalmente em não ter que editar a foto depois. No fim, até que a pouca iluminação da mercearia ajudou a compor o efeito antiquado que eu havia pensado para essas fotos.

A interação com os objetos também não era uma ideia estabelecida, mas a professora Déborah sugeriu que eu continuasse fotografando as pessoas dessa forma, já que o foco do trabalho são suas histórias. A minha segunda sessão de fotos foi em 01 de março de 2025, com Sebastião Rodrigues, de 71 anos, no Antiquário Brechó Goiano. Confesso que eu fui ao antiquário na intenção de conversar com um funcionário ou até mesmo o proprietário dele, mas nesse dia estava acontecendo uma feira por lá e todos estavam muito ocupados. Por isso, as perguntas que fiz ao Sebastião foram voltadas para o trabalho que ele estava fazendo ali, mesmo que ele tenha declarado gostar muito de música e ela ter feito parte de sua vida desde sempre. Ainda assim, a entrevista durou um pouco mais que 40 minutos (foi a maior de todas que gravei, inclusive), onde eu perguntei qual era o perfil dos clientes que frequentavam o seu “cantinho” como ele mesmo prefere chamar, como era feita a curadoria das fitas que ele vende, qual era o desafio de mantê-las em bom estado de conservação, etc. Por fim, fotografei rapidamente ele e o cantinho (que também tinha alguns discos de vinil e rádios) no modo PRO, mas sem alterar as cores. Depois, editei no Adobe Photoshop adicionando granulação, desfoque gaussiano no fundo e efeitos de cor cinza, também alterei os níveis de saturação e RGB (sistema de cores aditivas que combinam vermelho, verde e azul) focando nos pretos e brancos, a fim de harmonizar a imagem.

A minha terceira sessão de fotos foi em 09 de março de 2025, na Feira de Antiguidades da Praça Tamandaré. Eu já tinha ido e fotografado nessa feira antes, no ano passado. Mas fotografei apenas o que estava sendo vendido nas bancas, de forma geral. Dessa vez, o intuito era conversar e fotografar um(a) antiquarista, pois como eu disse anteriormente, lá no Antiquário Brechó Goiano eu não consegui falar com alguém que realmente trabalhasse no local. E para não sair sem entrevista, acabei falando com o Sebastião.

Na feira, conheci uma antiquarista, com quem até fiz a entrevista e as fotos, mas não coloquei no trabalho. Isso porque essa pessoa dava respostas curtas e diretas, sem aprofundar mais no assunto. Por exemplo, teve uma pergunta que a

questionava sobre o que tinha despertado o interesse dela em abrir um antiquário, e ela só respondeu que foi por necessidade, sem me explicar qual era. Depois, uma outra pessoa que trabalha com ela me contou que antes ela tinha sido professora, mas sem dar muitos detalhes também.

Ainda na feira, no mesmo dia, fiz a minha quarta sessão de fotos, com o jovem David dos Santos, de 22 anos. Ele gosta de objetos antigos, muito por influência de seu pai, Odorico. Então perguntei se algum objeto ali trouxe alguma lembrança nostálgica a ele, e ele respondeu que era o celular Nokia 5125, mais conhecido como “Nokia Tijolão”, pois ele teve um quando era criança. Ele contou que rever o aparelho na feira o fez lembrar de como tudo era mais simples na infância, no sentido de que ele adorava brincar, assistir desenhos animados e mexer nos aparelhos eletrônicos que não eram tão avançados na época, como são hoje. Além dessa pergunta, também o questionei sobre qual a feira mais memorável que ele já foi, qual era o aspecto mais emocionante de participar dessas feiras, etc. Quanto as fotos, novamente elas foram tiradas apenas usando o modo PRO, e foram dele segurando o celular, observando os objetos, dos próprios objetos em plano detalhe, etc. Editei no Adobe Photoshop adicionando a granulação e alterando os níveis de contraste e cores como verde e azul, bem como os níveis de RGB. Também desfoquei o fundo das fotos em que o objetivo era destacar o celular.

A minha quinta sessão de fotos foi em 15 de março de 2025, com Leonardo Belem (mais conhecido como Léo Bigode), de 50 anos, proprietário da loja Monstros Discos. Era para ele ter sido o segundo, na verdade, depois do Odorico. Por muitos dias tentei marcar a sessão e a entrevista, tanto que até cogitei falar com outra loja que também vende discos de vinil. Mas o estilo da loja do Léo me agradou mais, pois tem uma boa iluminação, paredes pintadas com cores vibrantes e diversos discos e pôsteres dos mais variados artistas pendurados nelas, e até um local com duas cadeiras, um tapete embaixo de uma mesinha de centro com um livro sobre música em cima, e um toca discos ao lado; por isso a minha insistência.

Até que finalmente, eu consegui marcar e fazer, com o celular como sempre no modo PRO, mas agora ajustado de modo que enfatizasse ainda mais a cor das paredes, que são alaranjadas. Depois, fotografei ele segurando os discos e interagindo com o aparelho que os toca. Como as fotos já estavam com efeito, não foi preciso editar no Adobe Photoshop. Também perguntei sobre a loja e música, de

modo geral, bem como sobre os discos de vinil; já que ele é uma pessoa conhecida nesse ramo.

A minha sexta sessão de fotos foi com o Aroldo Rocha, de 62 anos, que é colecionador de automóveis antigos e também um dos diretores do Clube Veículo Antigo do Estado de Goiás (C.V.A.G.O). Visitei a sua garagem em 12 de abril de 2025, chamada de A.R Collection, localizada em Aparecida de Goiânia. Dentro da garagem, havia os mais variados tipos de carros e motocicletas, uns até ficavam em cima dos outros. Como ele ainda não havia chegado, Adriele, que o ajuda a cuidar da garagem, desencapou alguns modelos para eu fotografar. As fotos foram feitas no modo PRO ajustado em um tom de marrom claro, que juntamente com a luz do sol que vinha do lado de fora, ajudou a destacar a cor dos automóveis.

Depois que ele chegou, perguntei sobre como ele cuida de seus automóveis, se é custoso mantê-los, se é difícil achar profissionais especializados no tipo de mecânica que aquele automóvel exige, e também qual era o seu favorito em toda a coleção que possui, ele respondeu que é o carro Ford Modelo A 1929. Isso porque de acordo com ele, apesar de o automóvel ser bastante antigo, ele persiste em ainda continuar funcionando. Assim, o fotografei interagindo apenas com esse veículo, pois ele realmente tinha muitos outros e ele também estava com muita pressa. Novamente, descartei a possibilidade de editar a foto no Adobe Photoshop.

E por fim, a minha sétima e última sessão de fotos foi no Antiquário Brechó Goiano, com a funcionária Jennifer Marques, de 28 anos. Primeiramente eu tirei fotos dos móveis e objetos, com o modo PRO ajustado em diversos tons, sendo eles amarronzado, avermelhado ou amarelado. Depois, conversei fazendo as mesmas perguntas que fiz ao Sebastião e tirei duas fotos dela na porta do local, posando como se ela quisesse mostrar o antiquário, já que contou que trabalha lá há 4 anos e que gosta muito do que faz. Eu também entrevistei o proprietário, mas como eu não tirei fotos dele, pois o mesmo estava bastante ocupado, descartei a inclusão dele na exposição.

Também teve uma sessão que eu quis marcar, mas nunca que deu certo. Seria com um cliente que eu conheci na primeira visita que fiz ao Antiquário Brechó Goiano e até o entrevistei. Na entrevista, que foi as mesmas perguntas que eu fiz para o David, ele mencionou que gosta de comprar utensílios antigos para sua cozinha e que

também os usa, então achei mais interessante tirar fotos dessa cozinha do que o que ele possivelmente iria comprar no antiquário aquele dia, isso se ele realmente fosse comprar algo. Mas toda semana surgia um imprevisto, tanto para ele quanto para mim, então desisti de continuar tentando marcar.

No que tange a tipos de enquadramento, planos, iluminação e outros componentes da fotografia, eu não estabeleci nenhum específico, apenas tirava as fotos. Se ficavam boas, eu mantinha. E se não, eu deletava.

### **3.2. Edição e finalização do produto**

Com todas as entrevistas feitas e fotos tiradas, parti para a seleção do material. Terminei de escolher as fotografias que seriam incluídas na exposição no dia 30 de abril de 2025, e de editar as entrevistas no dia 10 de maio de 2025. Nas fotos, tive que cortar, achatar ou comprimir também no Adobe Photoshop, para que fossem reveladas nos tamanhos 20x30 (grande), 15x20 (média) e 10x15 (pequena). Revelei em papel fosco (pois segundo pesquisas que fiz, era o melhor tipo de papel) na Profox, e estabeleci que as fotos grandes seriam a das fontes e que essas ficariam no centro, e os objetos seriam distribuídos entre fotos médias e pequenas, ficando ao redor, para mostrar a quem eles são relacionados. E depois que reveladas, coleí com fita dupla face nos papéis resistentes a fim de improvisar as molduras.

Os áudios foram editados pelo programa Audacity. Confesso que foi muito difícil reduzi-lo ao máximo, para que desse tempo de escutar as entrevistas de todos, pois falaram muito de suas histórias e objetos, mas consegui de forma que fizesse sentido para quem estivesse ouvindo, cortando trechos irrelevantes e pausas. E no fundo, não deixei completamente sem som para que o ouvinte sentisse que estava ali comigo enquanto eu entrevistava, e para criar uma identidade a cada pessoa e os seus objetos, que se diferem uns dos outros. Depois de prontos, criei uma pasta livre para cada fonte no Google Drive e adicionei a sua respectiva entrevista, porque seria mais fácil para acessar já que a primeira ação que nos pedem ao começar a usar um novo celular é colocar nossa conta Google. E por fim, copiei o link de cada pasta e gerei os QR Codes no Canva, e os imprimi na gráfica (também em papéis resistentes e foscos), junto com as frases que identificariam as fontes. Como sobraram muitos dos papéis que usei para colocar as fotos, coleí as frases e QR Codes neles.

Quanto ao local da exposição, u e a professora Déborah decidimos que melhor seria montar na galeria aberta no bloco A do Câmpus 5, para que todos que passassem pelo corredor, pudessem ver. Nela, eu coleí as fotos com os papéis usando fita dupla face e cola em spray (porque a fita havia acabado) me orientando através de um “mapa” de organização visual que eu mesma havia desenhado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou explorar as motivações por trás do apreço pelos estilos vintage e retrô, bem como investigar os sentimentos e lembranças associados à coleção e à comercialização de objetos com referências ao passado. Através da exposição fotográfica intitulada “Fotografando o Passado”, procurou-se documentar e informar sobre esse fenômeno, utilizando os gêneros fotojornalísticos da fotorreportagem e do retrato. Acredita-se que sentimentos como a nostalgia desempenham um papel crucial nessas escolhas.

Conforme discutido, a fotografia, definida como a “arte ou processo de reproduzir imagens sobre uma superfície fotossensível pela ação da luz”, surgiu no século XIX a partir de experimentos químicos. Ela se consolidou como um potente meio de comunicação e uma linguagem visual eficaz para contar a história de uma sociedade e comunicar significados. A fotografia também possui a capacidade de relembrar memórias e reviver momentos, reproduzindo algo que ocorreu uma única vez e nunca mais se repetirá existencialmente. Kossoy (2002) a descreve como um objeto sensível que preserva o passado, congelando momentos e confrontando-nos com a passagem do tempo.

Os conceitos de *studium*, que representa o interesse cultural ou intelectual por uma fotografia, e *punctum*, o detalhe inesperado que toca profundamente o espectador, propostos por Barthes (1984), são relevantes para compreender a relação emocional com as imagens. De modo complementar, a distinção de Kossoy (2002) entre a primeira realidade (a história oculta do que é fotografado) e a segunda realidade (a representação na imagem com novos contextos) ajuda a entender como o passado é recontextualizado na imagem fotográfica.

O fotojornalismo, como gênero da fotografia com pretensão de documentar e informar, mostrou-se um veículo apropriado para esta investigação. O retrato, especificamente, permitiu capturar a personalidade, emoções e características físicas das pessoas, buscando evidenciar um traço de sua personalidade. A fotorreportagem, por sua vez, auxiliou a registrar os desdobramentos de um acontecimento baseado em fatos reais e das pessoas envolvidas, situando e documentando esses fatos. A combinação de fotografias e entrevistas no projeto “Fotografando o Passado” foi

essencial para transcender a mera representação visual e incorporar as narrativas pessoais dos fotografados.

A nostalgia aparece como um tema central na compreensão do fenômeno. Originalmente conceituada como angústia do retorno ao lar, ela se tornou um fenômeno psicológico complexo ligado à memória, identidade e tempo. Embora possa trazer sentimentos mistos, felizes e tristes, pistas nostálgicas podem evocar um estado psicológico positivo e proporcionar alívio, sendo um sentimento saudável e vital.

As entrevistas realizadas no projeto com indivíduos de diferentes faixas etárias e relações com o passado (colecionadores, vendedores, funcionária de antiquário, antigomobilista) revelaram que o interesse por objetos vintage e retrô é impulsionado por uma variedade de fatores que se alinham com as interpretações da nostalgia apresentadas nas fontes. Dentre as motivações, destacam-se a busca por originalidade, a necessidade de trocar experiências e compartilhar lembranças, o apego emocional aos objetos como suportes de memória, o apelo "místico" dos produtos retrô em remeter a um passado idealizado, e a conexão com memórias de infância e momentos passados. O projeto demonstrou que, para os entrevistados, esses objetos são frequentemente extensões de sua personalidade e proporcionam uma conexão reconfortante com o passado.

A distinção entre vintage (peça produzida no passado que ainda existe) e retrô (produto fabricado com design que lembra o passado) foi relevante para categorizar os objetos de apreço dos participantes e entender as diferentes formas como o passado se manifesta no presente. O projeto utilizou técnicas fotográficas para evocar a sensação de antiguidade, buscando um alinhamento visual com a temática explorada.

Em suma, a exposição "Fotografando o Passado", através da lente da fotorreportagem e do retrato e complementada pelas narrativas dos entrevistados, conseguiu iluminar as complexas camadas de sentimento e motivação que ligam indivíduos aos estilos vintage e retrô. O trabalho reforça a ideia de que a fotografia é um poderoso meio para documentar e expressar a relação humana com a memória, a identidade e o tempo, evidenciando como a nostalgia se manifesta de maneira tangível na vida das pessoas e em sua interação com o mundo material do passado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVANCINI, Atílio. **A Expansão do Fotojornalismo**. Revista Extraprensa. São Paulo: v. 11, n. 1, p. 241-255, 2017. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/115241/137426>>. Acesso em: 07 de novembro de 2024

BARROS, Duda. **Pesquisa revela as origens da forte atração do ser humano pela nostalgia**. Veja. 2024. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/comportamento/pesquisa-revela-as-origens-da-forte-atracao-do-ser-humano-pela-nostalgia>>. Acesso em: 31 de agosto de 2024

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Brasil: Editora Nova Fronteira, 1984

BUENO, Janaína; NASCIMENTO, Armando. **O relacionamento com clientes proprietários de fusca: implicações do “eu estendido” para uma oficina restauradora**. Revista de Administração da UNIMEP, 2022, Vol 19, p. 4, 2022. Disponível em: <<https://doity.com.br/anais/32enangrad/trabalho/195097>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2025

CAMPBELL, Olivia. **Sente-se nostálgico? Seu cérebro está programado para desejar isso**. National Geographic, 2023. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/07/sente-se-nostalgico-seu-cerebro-esta-programado-para-desejar-isso>>. Acesso em: 31 de agosto de 2024

DUGNANI, Patricio. **Meia Noite em Paris e a Metáfora da Saudade Daquilo que não se Viveu: Reflexões sobre a Pós-Modernidade, Retropia e Cansaço**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: São Paulo, 2021

FERNANDES, Alessandro. **Por que sentimos nostalgia?**. Vida Simples, 2022. Disponível em: <<https://vidasimples.co/emocoes/por-que-sentimos-nostalgia/>>. Acesso em: 31 de agosto de 2024

FERRAZ, Miriam. **Máquina do Tempo: O “Novo Velho” Nas Formas de Comunicação**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: Minas Gerais, 2011

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Brasil: Ateliê Editorial, 2002

MORAIS, Aline et al. **Design Retrô e Marketing do Saudosismo: Influência da tendência nostálgica no comportamento de consumo**. Revista Vértices. Rio de Janeiro: v.17, n.3, p. 215-233, 2015. Disponível em: <<https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.v17n315-12>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2025

RIBEIRO, Ana Paula. **Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais**. Revista E-Compós. Brasília: v. 21 n. 3, p.1-15, 2018. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1491>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2025

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotografia: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Brasil: Letras Contemporâneas, 2004



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO  
INSTITUCIONAL**

Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário  
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010  
Goiânia | Goiás | Brasil  
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)  
3946.3080  
[www.pucgoias.edu.br](http://www.pucgoias.edu.br) |

## RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

### Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Mariana Machado Carvalho do Curso de Jornalismo, matrícula 2021.2.0127.0009-1, telefone +55 62 99202-4180, e-mail mc293908@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Fotografando o Passado – Exposição fotográfica de objetos vintage e retrô, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 18 de junho de 2025.

Assinatura do(s) autor(es):  **MARIANA MACHADO CARVALHO**  
Documento assinado digitalmente  
 Data: 18/06/2025 21:53:49-0300  
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Nome completo do autor: Mariana Machado Carvalho

Assinatura do professor-orientador:  **DEBORAH RODRIGUES BORGES**  
Documento assinado digitalmente  
 Data: 24/06/2025 22:28:52-0300  
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Nome completo do professor-orientador: Déborah Rodrigues Borges